

## **ARTE MARCIAL E MASCULINIDADES: RELAÇÕES MODERNAS PARA CULTURAS TRADICIONAIS<sup>1</sup>**

Sebastião Carlos Almeida

### RESUMO

*Objetiva-se discutir artes marciais como promotoras de masculinidades. Resulta de pesquisa bibliográfica sobre artes marciais, capital simbólico masculino e estratégias ideológicas. Estas práticas mobilizam economias simbólicas construindo identidades e reforçando padrões de gênero. Concluiu-se que elas reforçam dicotomias étnicas, de classe e gênero.*

*PALAVRAS-CHAVE: artes marciais; masculinidades; identidade.*

### INTRODUÇÃO

As práticas físico-desportivas têm participado da construção de subjetividades e de estilos de vida na contemporaneidade. O interesse pelos esportes na Sociologia, entretanto, é eclipsado por ser considerado tema periférico. A resistência por estudos relacionando gênero e esporte é ainda pela tendência a olhar masculinidades e feminilidades sob a perspectiva do mundo do trabalho, desconsiderando o cotidiano como um todo (DUNNING, MAGUIRE, 1997). Os desafios para abordagens de gênero e esporte são maiores em algumas práticas devido à maior ou menor vinculação com masculinidades. Entre estas, as lutas corporais constituem ainda uma manifestação da cultura corporal cercada de ambiguidades e juízos de valor. Devido à rigidez embutida nas estruturas que regulam as lutas corporais, estas práticas sofrem maior resistência para a adoção de modelos menos ortodoxos que terminam por mantê-las vinculadas a convenções e reprodução de modelos.

A aceitação das lutas corporais como uma manifestação cultural somente adquire legitimidade somente quando submetida aos cânones de artes marciais de origem asiática, pois, não compreendidas como manifestações legítimas da cultura corporal, são frequentemente associadas com agressividade e violência. Sob a chancela das artes marciais, alcançam o status de práticas dignas em propiciar a seus praticantes a aquisição de prestígio entre os praticantes das demais práticas físico. Paradoxalmente, as artes marciais acionam

---

<sup>1</sup> Este trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



elementos incompatíveis com valores esportivos modernos (belicosidade, ataque ao corpo do oponente, submissão do adversário), mas que terminam por reificá-los e remeter a modelos de masculinidades detentores de prestígio e visibilidade na contemporaneidade.

O objetivo desse trabalho é discutir o processo através do qual as artes marciais servem de suporte para a adoção de estilos de vida por lutadores como reprodução de padrões ortodoxos e hegemônicos de masculinidades que subjazem à imagem daquelas práticas.

Para a produção do presente texto recorri a premissas teóricas que permitem compreender a introjeção da ideia de artes marciais no universo empírico de minha pesquisa. Com o suporte de leituras sobre *habitus* de Bourdieu (2007) e de identidade de Hall (2002), reflito como comunidades imaginadas (ANDERSON, 1983) construídas em torno de tradições inventadas (HOBSBAWM; RANGER, 1984) têm impactado na percepção de identidades de gênero masculinas.

O desenvolvimento do texto a seguir é constituído por dois momentos. No primeiro dialogo com teorias para compreender as artes marciais enquanto bem cultural e sua contribuição em representações de masculinidades através de uma discussão da noção de *habitus* e pressupostos da economia de trocas simbólicas como modelo para leitura de bens culturais e do capital simbólico masculino; seguida de observações teóricas sobre identidades na contemporaneidade; e finalizada com uma discussão sobre masculinidades e sua imbricação com um sistema de economia simbólica e políticas de identidade. No segundo momento posiciono as artes marciais enquanto uma construção discursiva oriunda de discontinuidades históricas. Tentarei, nesse momento, a partir de uma leitura crítica de autores que abordam o papel dos esportes na construção do ideal masculino moderno e a eminência das práticas corporais como ferramenta política, realizar uma reflexão das artes marciais como uma tradição inventada a serviço de interesses políticos e mercadológicos.

## MASCULINIDADE, HABITUS E IDENTIDADE

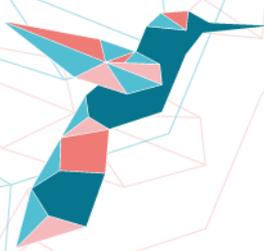
A dimensão cultural acionada no discurso das lutas corporais faz parte de um sistema simbólico capaz de converter práticas em capitais simbólicos. A identidade atribuída ao lutador funciona como um operador nessa economia simbólica na perspectiva de Bourdieu (2007) sobre a dinâmica do *habitus*. O estilo de vida, como fio condutor da compreensão sobre práticas classificáveis e os julgamentos classificatórios emitidos pelos agentes a respeito de suas práticas ou dos demais – o *habitus* –, possui um papel decisivo na divisão do mundo



em classes. O mundo social ou o espaço dos estilos de vida constitui-se a partir da relação entre as capacidades definidoras do *habitus* de produzir obras e práticas classificáveis e de diferenciar e de apreciar estas mesmas práticas e produtos (o gosto). O *habitus* funciona como uma fórmula geradora que permite justificar a classificação de produtos, práticas e os próprios julgamentos sobre essas classificações como sistemas distintivos. O *habitus* torna-se uma necessidade que, incorporada, converte-se numa disposição geradora de práticas e percepções que dão sentido às práticas que lhe dão origem. Tais esquemas geradores são, entretanto, transponíveis e convertíveis para outras dimensões da vida social, e funcionam como distintivos de determinados estilos de vida em detrimento de outros.

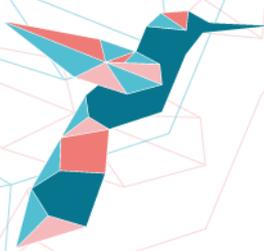
O *habitus* institui estilos de vida indicativos de determinadas identidades na medida em que reproduz a pertença a determinado grupo social. A noção de classe acionada por Bourdieu (ibid.) pode elucidar a relação entre cultura e identidade ao associar o bem cultural (ou o gosto por ele construído por determinado dispositivo do *habitus* presente em uma classe social ou frações desta classe) a um valor distintivo e compor uma característica da identidade, tornando-o não acessível a qualquer classe devido ao seu maior ou menor capital social e cultural. Representações sobre cultura estão relacionadas à posição no espaço social e ao gosto que caracteriza essa posição. Uma compreensão sobre cultura corporal prescinde de determinada compreensão sobre corpo, as formas de exercitá-lo, as necessidades ou as significações que esse exercitar-se adquirem enquanto prática social (ou a dar nenhuma significação que não seja a sua própria funcionalidade biológica).

Hall (2002) problematiza a questão da identidade e abre um debate sobre a polêmica da chamada crise de identidade na modernidade. Para o autor os processos presentes na contemporaneidade apontam para reorientações das ditas identidades culturais. As identidades modernas encontram-se em processo de descentramento, deslocamento e fragmentação. Identidades múltiplas e contextuais presentes nas culturas locais podem ser tomadas como híbridos de influências globalizantes. As estabilidades produzidas por instituições tradicionais perderam a fixidez nos estágios mais avançados da modernidade. Neste ínterim, identidades masculinas recuperam um espaço para se afirmarem em um cenário onde instituições fundamentais para sua afirmação – como esportes, o Estado-nação, família, entre outras – sofreram mudanças significativas (trabalho intelectual em detrimento do trabalho braçal, monopólio da violência pelo estado ao invés duelos em defesa da honra; entrada da mulher no mercado de trabalho) (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Anderson (2005) sugere a



abordagem de masculinidades ortodoxas para aqueles homens que atendem a requisitos que o afastam de discursos misóginos e homofóbicos (não ser frágil ou afeminado). Mesmo atendendo aos liames do que seja considerada uma masculinidade ortodoxa, para pertencer à categoria hegemônica de masculinidade, um homem deve também atender aos princípios da hegemonia para um dado grupo social. Tais princípios regulam a concentração de capital simbólico masculino. Determinados *habitus* permitem maior acesso a bens simbólicos que caracterizam a masculinidade hegemônica. Nas sociedades sob a efígie do consumismo e da premência da visualidade, ser jovial, bonito e habilidoso ou manter-se em sintonia com estes valores aproxima o indivíduo do padrão hegemônico de masculinidade – *habitus* esportivo. Um homem pode estar de acordo com a masculinidade ortodoxa, mas não comungar, entretanto, da masculinidade hegemônica por estar destituído de algum traço indicativo desta hegemonia ou ser inábil para conservá-los devido ao seu capital socioeconômico limitado – estar destituído desse *habitus*. Como alternativa, o homem pode adquirir capital masculino participando de práticas sociais promotoras da masculinidade hegemônica. Neste sentido, prática de esportes e de lutas corporais podem ser recursos poderosos para o acúmulo de capital masculino permitindo o acesso a altos escalões de masculinidade dominante.

A observação feita por Hall (2002) sobre a dificuldade em pensar numa identidade que integralize a personalidade e lhe forneça os recursos para a construção do seu eu encontra eco na reflexão sobre a identidade de gênero. Connell (2002) pensa a gênese de identidades de gênero a partir de práticas físico-desportivas. É possível pensar que as lutas corporais, apesar da hibridação provocada pelos deslocamentos e descentramentos típicos da globalização, produzam sentidos de identificação que reiteram traços de uma masculinidade imaginada – aqueles ancorados em valores aristocráticos contidos em lutas identificadas como artes marciais como honra e nobreza de caráter. Os símbolos de virilidade e distinção acionados pela luta corporal enquanto arte marcial operam na produção de estilos de vida caracterizando uma identidade masculina que funcionará como lugar simbólico estruturante – recuperando a premissa do *habitus* como produtor e produto da incorporação dos estilos de vida (BOURDIEU, 2007). O *habitus* de um lutador permite-lhe acumular capital masculino e a diferenciar-se de outros tipos de masculinidades menos prestigiadas dentro do meio social em que vive (masculinidades subordinadas). Mas este processo é cruel e transitório, pois não garante o acesso irrestrito e permanente a parcelas de capital masculino. As dinâmicas relacionadas ao acúmulo do capital masculino produzem formas dominantes de



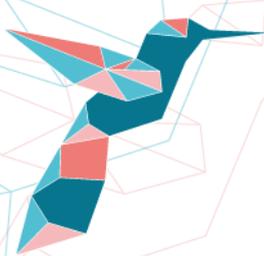
masculinidade, mas mantém um homem negro, pobre e envelhecido marginalizado dentro da economia simbólica das masculinidades. A capacidade de agência do lutador é limitada pelo atravessamento de variáveis como raça, condição socioeconômica, geração ou outras variáveis acionadas pelo contexto onde ocorrem as práticas sociais em que o indivíduo está inserido. Um lutador bem sucedido em competições de sua modalidade tem seu capital masculino reduzido à medida que diminui sua performance pelo desgaste do corpo sujeito a constantes agressões neste tipo de prática física ou por discontinuidades em sua trajetória profissional como em casos de doping esportivo.

#### ARTES MARCIAIS E IDEAL NACIONAL

A tese de Benedict Anderson (1983) sobre comunidades imaginadas defende que sentimentos de pertencimento introjetem nos indivíduos sentidos de nação e constroem coesão coletiva. A solução para lidar com os movimentos migratórios e as tensões étnicas e culturais da modernidade foi a elaboração de um sentido de comunidade imaginada onde seus integrantes compartilham de sentimentos e traços que os identificam. Segundo Connell (2000) as masculinidades dos colonizados eram retratadas como inferiores e diferenciadas a partir da ausência dos signos relacionados à masculinidade hegemônica (efeminados, infantilizados, “de cor”). Esta proposição é mantida também por Anderson (2005) que problematiza a percepção de hegemonia vinculada a parâmetros de hegemonia social como a classe social e a raça. É possível inferir que os signos de masculinidade reproduzam características presentes no imaginário europeu de uma sociedade civilizada (branca, heterossexista, culta). A premissa de que as narrativas sobre a superioridade de Estado Nacional – que buscavam em seus mitos fundadores (imaginados) justificativas para seu caráter coletivo, uma personalidade social<sup>2</sup> – estavam presentes em discursos e dispositivos institucionais – dentre os quais a própria educação em suas diversas e sutis dimensões pode ser incluída devido ao seu modelo generificado – pode ser relacionada com o surgimento de masculinidades modernas e teve as práticas corporais (em suas mais diversas expressões, como as ginásticas, os esportes e as lutas corporais) entre seus principais veículos. O culto a um sentimento de pertencimento a

---

<sup>2</sup> Lechakoski e Adelman (2011) apresentam uma análise sobre teses de pensadores brasileiros onde o caráter emocional e intimista das relações sociais do povo brasileiro guarda heranças do patriarcalismo em sua gênese e contribui para se pensar a exclusão da mulher do espaço público bem como uma dominação (padronizada) masculina nessas relações.



uma comunidade imaginada resolveu tensões que pairavam sobre a reunião de grupos com interesses fragmentados ou até incompatíveis em um Estado-nação. Uma nação vê a si mesma como reunida como por um mito fundador (inventado) e consegue lidar com os conflitos resultantes daquela reunião de diferenças – esvaecidos sob a égide da comunidade nacional (imaginada).

Para Giddens (2002) o projeto sobre o corpo é fundamental para a vida cotidiana. Este projeto estará em sintonia com as percepções coletivas a respeito de necessidades, possibilidades e julgamentos éticos e estéticos. Estilos de vida também farão parte das narrativas da comunidade imaginada que busca na disseminação de conhecimentos comuns estabelecer seus sentidos de unidade. É cabível refletir sobre as operações políticas e ideológicas produzidas no interior de instituições responsáveis pela propagação do discurso da saúde (através dos exercícios físicos) e entender que os dispositivos criados para justificar determinadas práticas corporais (esportes, ginásticas, lutas corporais, danças) buscaram referências tanto em experiências historicamente localizadas quanto nas resultantes da submissão daquelas culturas “populares” às premissas científicas racionalizantes (SOARES, 1994)<sup>3</sup> os fundamentos para sua construção. Mas a inclusão da exercitação corporal entre as ferramentas para o desenvolvimento da moral adequada (à perspectiva do progresso social) foi decisiva para as operações político-ideológicas na tarefa de construir (e inculcar) símbolos associados à virilidade, à força e ao caráter entre os membros de suas sociedades (MOSSE, 1996). Robert Nye (2007) cita em sua reflexão a respeito de masculinidades do mundo ocidental relacionadas aos conflitos bélicos que imagens dos antigos soldados gregos foram tomadas como signos para enfatizar narrativas de liberdade e de ideais de democracia, revelando a dimensão política do movimento em direção aos cuidados com os corpos (sociais) dos homens – e percebe-se, além da generificação, o reforço dos limites que demarcam moralmente o discurso sobre o corpo saudável (o cidadão-soldado).

Os símbolos nacionais reificaram na figura do soldado-trabalhador ou do atleta-guerreiro os ideais de uma política nacionalista – independente de suas orientações liberais ou socialistas – e foram exaltados através da prática de exercícios. Tais políticas tiveram uma

---

<sup>3</sup> Soares (1994) cita apropriações das ginásticas dos acrobatas e dos funâmbulos pelos discursos científicos medicalizantes desde o século XVIII na Europa culminando com as correntes do Movimento Ginástico Europeu que balizou a estruturação e disseminação das ginástica como recurso higiênico.



representação profícua na produção do espírito esportivo que, por um lado, atuava como um recurso para controlar as pulsões e criar um canal para o extravasamento das energias reprimidas pelas imposições sociais (ELIAS; DUNNING, 1992)<sup>4</sup>; por outro permitia a imanência da virtude associada à beleza física como um prelúdio de superioridade moral – um pensamento fortemente burguês que apelava para apologias à figuras míticas (monumentos) que, no caso da Europa nos séculos XVIII e XIX, trazia à tona imagens heroicas de atletas gregos da antiguidade clássica. Foucault (2003) se refere esse processo como uma atribuição de sentidos a identidades por meio de discursos cercados de narrativas gloriosas: a história monumental. Essas construções remontam a passados apelando para seus sentidos de pureza, nos quais imagens masculinas de heróis desempenham papéis importantes por representarem essências (imaginadas) de um povo ou de uma nação – as quais, em narrativas do mundo ocidental, remontam à Grécia, Roma ou outras civilizações que deixaram suas marcas no pensamento ocidental. O próprio sentido do *fair play* atribuído à Grécia antiga um discurso, por assim dizer, um monumento – importante para sustentar políticas supostamente inclusivas, mas que reforçam práticas discriminatórias e excludentes dos menos habilidosos, de mulheres e valorizando estilos de masculinidades hegemônicas (JESUS, 2011). Como refere Elias (ELIAS; DUNNING, 1992), escritos modernos sobre os jogos da Antiguidade Clássica esvaecem diferenças que devem ter existido entre praticantes daqueles jogos e reforçam similaridades – e esta construção de um discurso sobre jogos da Grécia antiga recupera um (suposto) espírito (perdido) de respeito e reverência à lei e à ordem que interessa às elites intelectuais que deram suporte ideológico às investidas estatais de implantação de interesses pelo esporte. Os jogos competitivos realizados naquela sociedade grega admitiam graus mais elevados de violência em sintonia com uma sociedade bem menos sujeita aos processos de controle da violência que caracterizarão os Estados-nação contemporâneos (ELIAS; DUNNING, 1992). É preciso contextualizar a percepção da violência permitida e o grau de consciência e aceitação desta mesma violência a partir das condições em que aquelas sociedades em estágios mais elementares de organização dos dispositivos de controle estavam imersas. Para não cometer o equívoco do etnocentrismo, é preciso percepção de que a

---

<sup>4</sup> Antes de pensarmos como funcionou o “espírito olímpico moderno” enquanto modulador do *ethos* do praticante de esportes, poderíamos pensar, como nos apontam Elias e Dunning (1992), que o esporte surge como uma forma de gestão do tempo de lazer através de um modo específico de organização de jogos.



violência permitida e apreciada naqueles jogos estava em sintonia com o estágio de desenvolvimento das relações entre os próprios estados nacionais – permeadas por guerras, conquistas de territórios, saques e escravização dos povos vencidos. A reflexão de Elias (ibid.) pode servir para pensar sobre as chamadas artes marciais hoje, acionadas como monumento em apologia a valores perdidos, uma referência às essências esotéricas que subjazem nas origens cosmogônicas de seus povos criadores. Por um lado, a origem mítica das artes marciais parece remontar à mesma narrativa ideológica que sustentou o discurso dos Jogos Olímpicos Modernos – uma analogia a templos (olímpicos) ocupados por figuras divinas dotadas de senso ético e estético não presentes nos dias atuais, cujo tom nostálgico só deixa perceber suas fragilidades se submetido a um processo de desconstrução.

Seguindo as mesmas operações políticas e ideológicas, literaturas preocupadas em reconstruir um passado heroico relacionado às civilizações têm lançado mão da história monumental para descrever historiografias das lutas corporais, apresentando-as como expressões de artes marciais descrevendo origens e reavendo narrativas comuns com atos de bravura e auto-sacrifício<sup>5</sup>. Tais produções têm se voltado para a manutenção de um discurso de pureza das artes marciais que resiste ao tempo e às “contaminações” (da modernidade, da esportivização, da mercadorização) com outras culturas nem tão alicerçadas em bases filosóficas como as das artes marciais. Percebe-se nesses discursos uma forte orientação (pedagógica) no sentido de formação do caráter dos seus praticantes: uma preocupação recorrente em qualquer orientação filosófica das artes marciais tradicionais que Said (1990) denominará orientalismo – a compreensão da cultura oriental sob uma ótica ocidental. Projetos que buscaram atrelar a nacionalidade a práticas corporais se proliferaram pelo final do século XIX e início do século XX. Hobsbawm (HOBSBAWM; RANGER, 1984) apresenta uma reflexão sobre tradições inventadas bastante aplicável ao caso das artes marciais. O autor refere-se a um conjunto de práticas reguladas e de natureza ritual ou simbólica que visa inculcar valores e normas de comportamento remetendo-se a continuidade com um passado histórico apropriado (ibid.).

---

<sup>5</sup> Uma referência antológica de artes marciais intitulada “O caminho do Guerreiro: o paradoxo das artes marciais” Reid e Croucher (2003) explora mitos, lendas e fatos históricos que indicam ser as artes marciais resultado de longos aprendizados e permitiram aos seus adeptos feitos sobre-humanos em função de seu desprendimento e auto-sacrifício.



Na esteira da invenção das tradições, lutas corporais originárias de países asiáticos figuram como exemplos prototípicos. O Kung Fu chinês<sup>6</sup> é apontado desde tempos longínquos como um exercício de coesão social antes mesmo das intervenções propriamente estatais sobre a cultura do país e me parece singular por remeter a lendas e mitos encontrados em outras lutas de origem oriental, como o Karatê japonês, o Jiu-jítsu Brasileiro, entre outras<sup>7</sup>. Outro exemplo característico são as próprias lutas japonesas dentre as quais figuram o Judô como uma excelência em termos de promotora do discurso pedagógico no século XX – inclusive tendo sido a primeira modalidade asiática a participar dos Jogos Olímpicos<sup>8</sup>. Na mesma ótica das tradições, estão o Taekwondo sul-coreano, o Muay Thai tailandês ou outras modalidades menos populares em função da pouco contato com outros países asiáticos<sup>9</sup>.

As narrativas existentes em torno das artes marciais de origem asiáticas tentaram recuperar um passado imemorial e encaixarem-se na premissa da tradição inventada operando na construção de comunidades inventadas de Anderson (1983). Postulo que, ao resgatarem imagens de masculinidade míticas, serviram de suporte para leituras modernas sobre o tema

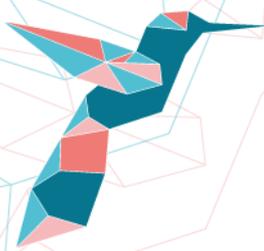
---

<sup>6</sup> Como referem Aguiar e Apolloni (2008), o termo mais adequado para as chamadas artes marciais chinesas seria Wu Shu – cujo significado para os chineses seria o de “parar as armas” denotando a acepção profilática e o evitamento da guerra. O termo Kung Fu – que ganhou notoriedade em função de seriados exibidos na televisão nos anos de 1970 – denota, a partir de uma expressão coloquial chinesa, trabalho duro para os chineses e aponta para uma interpretação equivocada da luta nos EUA.

<sup>7</sup> O Kung Fu pode ser descrito através de uma historiografia onde os aspectos religiosos mesclam-se a operações políticas que preencheram sua trajetória de intensões beligerantes conforme foi apropriado por chefes de estado. Como comentado por Aguiar e Apolloni (2008), historiadores buscam no Budismo, com a personagem Bodhidharma, uma origem para as práticas relacionadas com essa luta. Bodhidharma teria viajado da Índia (planaltos do Tibet) para as terras chinesas onde teria instituído um sistema de aprimoramento físico e mental inspirado nos princípios do hatha-yoga para os monges do templo Shaolin – entregue pelo Imperador Wu, fundador da dinastia Liang, à direção de Bodhidharma. Já Almeida (2004) cita que o templo Shaolin na China era, à época do século VI a.C., constantemente invadido por saqueadores e precisava ser defendido. O Kung Fu foi, dessa forma, utilizado como uma arte marcial para a autodefesa.

<sup>8</sup> O professor Jigoro Kano criou o Judô Kodokan em 1882 como uma clara intensão de pedagogizar lutas japonesas que constituíam o acervo guerreiro daquele povo habituado a guerrear utilizando o próprio corpo como arma. Casado e Villamón (2009) faz referência ao cuidado de Jigoro Kano em construir um método educativo ao mesmo tempo em que tentava preservar um elemento da cultura japonesa em fins do século XIX – um momento de ascensão dos valores masculinos modernos nos quais primam a contensão da agressividade e o polimento das atitudes.

<sup>9</sup> Uma versão brasileira para a história monumental (FOUCAULT, 2003) é a Capoeira. como descreve Reis (1997) em seu estudo, a trajetória da Capoeira de prática proibida à prática corporal genuinamente brasileira contou com apoio de políticos e intelectuais, dos quais figuram um dos nomes mais importantes da própria Educação Física brasileira que defendeu a Capoeira como expressão de Ginástica Brasileira” (MARINHO, 1984).



em questão – deixando para trás as próprias configurações éticas e morais dos estágios civilizatórios dos quais foram extraídas (o *ethos* guerreiro dos praticantes das lutas corporais entendidas como artes marciais). O espírito ético e o respeito aos adversários apregoado pelas filosofias das artes marciais são construções discursivas que cabem aos propósitos modernos de enaltecer valores aristocráticos e burgueses que, à época da emergência do *fair play* (na virada do século XIX para o século XX), desempenharam um papel importante na inculcação da imagem do trabalhador-soldado no imaginário coletivo, como refere Mosse (1996) e do cidadão-soldado referido por Nye (2007).

Houve um esforço em transformar expressões de lutas corporais asiáticas em versões aceitáveis aos padrões modernos no Judô e no Taekwondo: um esforço para apresentar essas duas lutas asiáticas como representações fieis de princípios éticos e filosóficos condizentes com o grau de evolução do homem contemporâneo. Postulo aqui que somente a apresentação das práticas de lutas sob a forma de esportes – tendo o Judô e o Taekwondo sido as primeiras lutas asiáticas incluídas nos Jogos Olímpicos modernos – é que possibilita sua disseminação enquanto uma forma aceitável de manifestação de luta corporal – independentemente do teor filosófico ao qual possa estar associado e produzindo ou não resultados que transcendam seu escopo em termos de estética do movimento – na verdade, uma tendência a entender as práticas de lutas corporais de origem asiática como artes marciais ajusta-se a uma postura radical no tocante à preservação do seu conteúdo propedêutico, ético e moral.

Agora pensando no esporte para além de sua participação na construção de comunidades imaginadas, Featherstone (1995), através de sua tese do descontrole controlado das emoções, postula que o evento esportivo, entre os quais competições de luta têm figurado como forma de experimentação da excitação limítrofe, pode funcionar como experimentação do limiar civilizatório no confronto com as regras sociais pré-estabelecidas. O que pode parecer uma experiência transgressora, na verdade, não passa de um esgotamento dos limites do permissível. No caso da experiência da competição esportiva, levar ao extremo o limite da regra pode representar um grau máximo de excitação sem extrapolar o permitido. Tanto disputar como presenciar uma luta onde os contendores recorrem a todos os seus recursos (técnicos, táticos e físicos) para vencer o adversário pode representar uma experiência erótica que condiz com as premissas de Messner (2002) a respeito do poder magnético que exercem os homens capazes de proezas físicas dentro ou fora do âmbito esportivo. Estendendo erotismo para além da percepção comum de sexualidade, permito-me inferir que a excitação



erótica produzida por lutas corporais – especialmente aquelas cujos limites foram tão bem construídos para atenderem às exigências das manifestações modernas de práticas competitivas esportivas – exerça um poder de coesão grupal que exerce forte atrativo sobre homens que aspirem por ascender às posições centrais da hierarquia masculina hegemônica. Neste sentido, as lutas corporais encontram nas artes marciais que preservaram as expressões mais contundentes de seus sistemas de combate um grande potencial para trazer à tona traços de masculinidades dominantes em meio às atuais mudanças nos parâmetros que serviram de suporte para identidades masculinas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lutas corporais enquanto artes marciais adquirem credibilidade e funcionam para reforçar masculinidades hegemônicas por reproduzirem padrões de comportamento associados a modelos sociais dominantes (heterossexista, europeu, aristocrático). Postulo que operações político-ideológicas importantes para a construção de identidades nacionais sustentadas por modelos de masculinidade viril tenham extravasado o âmbito da construção do Estado-nação e refluído para a identificação de praticantes de lutas corporais que aderem a discursos de prestígio vinculados às artes marciais em um momento marcado pela fragmentação dos modelos de identidade e a reestruturação da mesma a partir de projetos híbridos típicos da globalização. A reconfiguração de identidades masculinas tem lançado mão do habitus do praticante de lutas corporais para acumular capital masculino e ascender aos níveis mais elevados da hierarquia masculina e da estratificação social. Esta dinâmica traz à tona discursos misóginos e homofóbicos importantes para a manutenção do sexismo e da própria instituição esportiva da qual as lutas corporais e artes marciais participam.

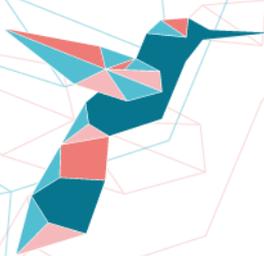
Martial arts and masculinities: modern relations for traditional cultures

### ABSTRACT

*The objective is to discuss martial arts as promoters of masculinities. Results of literature search on martial arts, male symbolic capital and ideological strategies. These practices mobilize symbolic economies constructing identities and reinforcing gender patterns. It was concluded that they reinforce ethnic dichotomies, class and gender.*

**KEYWORDS:** *martial arts, masculinities, identity.*

Artes marciales y las masculinidades: relaciones modernas por la cultura tradicional



## RESUMEN

*El objetivo es discutir artes marciales como promotores de masculinidades. Es fruto de la investigación bibliográfica sobre artes marciales, el capital masculino y las ideologías. Estas prácticas movilizan economías simbólicas que construyen identidades se refuerzan patrones de género. Se concluyó que refuerzan dicotomías étnicas, de clase y de género.*

*PALABRAS CLAVES: artes marciales; masculinidade; identidade.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, José O.; APOLLONI, Rodrigo W. Budismo, marcialidade e legitimação da violência: o Kung Fu e as disputas historiográficas sobre o mosteiro de Shaolin. *Projeto História*, São Paulo, v. 37, n. 2, dez-2008. p. 261-278.

ALMEIDA, Felipe Q. de; MORAES, Cláudia E. A.; OLIVEIRA, Samuel T. Tornando-se lutador(a): forja identitária entre praticantes de *Mixed Martial Arts* (MMA) em academias da cidade de Vila Velha (ES). *Cadernos Unifoa*. Florianópolis, ago-2008.

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*. Londres: Verso, 1983.

ANDERSON, Eric. *In the game: gay athletes and the cult of masculinity*. New York: State University of New York Press, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CASADO, Julián Espartero; VILLAMÓN, Miguel. La utopía educativa de Jigoro Kano: el judo kodokan. *Revista de História do Esporte*, v. 2, n. 1, p. 1-40, 2009.

CONNELL, Raewyn. *The men and the boys*. Los Angeles: University of California Press, 2000.

\_\_\_\_\_. W. *Gender: short introductions*. Cambridge: Polity, 2002.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. *Estudos Feministas*, v. 5, n. 2, p. 321-348, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 18 ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 2003.



GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LECHAKOSKI, Leandro; ADELMAN, Míriam. O homem cordial: modernização do Brasil e homossociabilidade. In: SEMINÁRIO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 2011, Vitória, *Anais...* Vitória: UFES, 2011.

MARINHO, Inezil P. *Introdução ao estudo da filosofia da Educação Física e dos desportos*. Brasília: Horizonte, 1984.

MESSNER, Michael A. *Taking the field: women, men, and sports*. Minneapolis: University Minnesota Press, 2002.

MOSSE, George. L. *The image of man: the creation of modern masculinity*. New York: Oxford, 1996.

NYE, Robert A. Western masculinities in war and peace. *The American Historical Review*, v. 112, n. 2, p. 417-438, 2007.

REID, Howard; CROUCHER, Michael. *O caminho do guerreiro: o paradoxo das artes marciais*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

REIS, Leticia V. de S. *O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOARES, Carmen L. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados: 1994.